

79/06/03
Oglobo

As lições do passado. Olhadas e aprendidas

Leopold von Ranke. SELEÇÃO DE TEXTOS. História. Tradução de Trude von Laschan Solstein. Editora Ática. 216 pg. Cr\$ 110.

De certo modo, ao emergir das cinzas da II Guerra Mundial, a Europa deu mostras de que carregava nas próprias entranhas sua Fênix sempre renascida. Renovou-se. E, sobretudo, uniu-se. Ao reverso da spengleriana concepção do irrevogável nascimento e morte das civilizações, remoeu: substituiu suas células gastas e mostrou-se capaz de insuspeito vigor para uma civilização velha, que, além de exaurida por uma trajetória milenar, ainda se via assediada por seus próprios e vigorosos rebentos, nascidos em outros solos. Sintoma disso é esse Mercado Comum Europeu, atualmente dos nove, mas na iminência de receber alguns mem-

bro ainda aliados: Grécia, Espanha e Portugal. Impôs-se, com certeza, por ter aprendido a absorver divergências, e evoluiu laboriosa e paulatinamente pelos meandros de áspersos interesses econômicos, até atingir o ápice da recente união monetária. Mas não parou aí. A Europa encontra-se agora às vésperas da eleição do primeiro Parlamento Europeu, prenúncio da união política. Nessa hora, em que começa a configurar-se, de fato e de direito, o que adequadamente se pode chamar de um espírito comum, vem muito a calhar a lembrança do historiador Leopold von Ranke, que acaba de ser editado, através de uma seleção de textos, pela Coleção Grandes Cientistas Sociais, da Ática, com ensaio introdutório de Sérgio Buarque de Holanda. Ranke, nascido na Turingia, em 1795, quando ainda não se haviam assentado as comoções provocadas pelo cataclismo da Revo-

lução Francesa, foi intransigente tão propalada de um isolamento dos povos na Idade Média". Sua história, embora feita de aparentes continuidades e descontinuidades, idas e vindas, é sempre inspirada pelo fio condutor do mesmo espírito. "A evolução comum há de ter suscitado idéias e tendências idênticas em nossas nações". Tanta ênfase posta nos fatores externos a cada nação valeu-lhe muitas críticas, embora jamais reconhecesse a validade de uma unidade feita às expensas das partes. Ao contrário: "A união de todos há de basear-se na autonomia de cada um". Outra crítica que se associa ao nome Ranke é a crítica ao **historismo**, vale dizer, à ostensiva rejeição da visão escatológica e da extrapolação do passado, em função de um princípio condutor que se coloca acima dos eventos, sob a alegação de que se trata de indiferença ética. Ranke e os adeptos do **historismo**

© Globo
3.06.1979

são indutivos; partem sempre dos fatos para os princípios, nunca dos princípios para os fatos.

Ressalte-se que a questão nodal do **historismo** é exaustivamente analisada no primoroso ensaio introdutório de Sérgio Buarque de Holanda, "O atual e o inatual em Leopold von Ranke", originariamente publicado na "Revista de História". O autor de "Raízes do Brasil" enfoca Ranke dentro do **historismo** e, de maneira mais ampla, na perspectiva da historiografia alemã e ocidental. Nesse sentido, o ensaio é mais do que um guia seguro, vindo a consituir-se, em verdade, a pretexto de Ranke, num amplo painel das direções, indecisões e tendências da disciplina histórica como um todo. Afinal, olhar o passado de uma perspectiva privilegiada é fácil. Difícil é aprender suas lições.

PER JOHNS